

O TEMPLO SAGRADO DA LITERATURA PUTINHA



COM PROPOSTA TEATRAL,
SARAU ERÓTICO NA VILA
MADALENA, EM SÃO PAULO,
BOTA POESIA E SEXO NA
MESMA CAMA, NA MESMA
PÁGINA, NO MESMO PALCO
POR **JUNIOR BELLÉ**

“S ou uma ninfeta de 16 anos, dominatrix, sadoma-soquista e ninfomaniaca”, Flor de Lótus explica calmamente que essas características a fazem ser a responsável pelo lugar até a chegada de seus pais, Beto Kapeta e Loba Poeta Gonzalez. Sugere um copo de catuaba aos mais ansiosos e caminha pelos corredores estreitos, entre as paredes altas e grafitadas, descascadas, com uma caderneta na mão direita e uma caneta na outra. “Você é virgem?”,

pergunta a uma mulher embalada em um rendado e curto vestido branco, pernas à mostra debaixo de uma meia-calça que termina sufocando o meio das coxas. Ela atrasa a resposta, passeando os olhos pelas curvas daquela gordinha atrevida, de chuquinha e saia curta, all star nos pés e safadeza na cara. Então, desdobra algumas folhas arrancadas de um desses cadernos baratos com espiral metálica e devolve a atenção aos rabiscos escritos nelas. “Vai declamar algo hoje, amor?”, insiste. Diante da afirmativa de um meneio de cabeça, Flor desabrocha: “Eu sou escorpião, viu”.

Lótus é mais que isso. Seu caule pende como varinha de marmelo e rabo de artrópode, dançando à procura da próxima vítima para cravar seu ferrão de saliva. Articula as palavras com rapidez, é uma vivípara da noite, não se sente acuada, mas

completamente à vontade com aqueles óculos protuberantes cujo laço amarelo se destaca ao lado da lente direita. Brincos grandes e verdes balançam nos lóbulos, seus peitos lindos e imensos vão desaguar em um decote, trata-se de um cânion inteiro feito de pano amarelo, estampado com a bandeira brasileira, debaixo dele um abismo delicioso entre maravilhosas montanhas de mama. Poros saltam entre a meia-calça 7/8, um arrastão arrastando olhares e devastando preconceitos, estéticos e semióticos: “Eu pareço bonita pra você? A gente está aqui para discutir e questionar esses valores tradicionais da beleza. Porque o que é erótico pra mim, pode não ser pra você. Aliás, o que é erotismo pra você?” A bunda de uma morena remexendo no samba, o pinto de um bem dotado erguendo-se dentro da boca. Ou um pé. Um sussurro. Uma piscadela. “A gente costuma fazer saraus temáticos aqui, como Sua Fantasia, ou A Parte do Corpo que te Enlouquece. Porque a forma como sentimos o erotismo varia. Eu, por exemplo, não posso ver a nuca de um homem que fico louca. Não é um pinto, não são as bolas ou o peitoral. Não sei por quê, quando vejo a nuca de um homem, já fico toda molhadinha.”

São 23h de uma terça-feira e o 24º Sarau Erótico reúne cerca de 150 pessoas, a maioria homens, a maioria bela, sensual e malandra. Foi a popularidade que os obrigou a mudar de endereço, quando o Ecla (Espaço Cultural Latino Americano) ficou pequeno e o Nossa-casa Confraria de Ideias abriu as pernas para o evento. Existem diferentes propostas de saraus eróticos; neste caso, trata-se de uma espécie transgênero de sarau e balada, de erotismo e humor, resultando no filho bastardo da poesia com teatro, uma orgiazinha entre literaturas e performances. Flor de Lótus continua circulando pela casa, caçando poetas da meia-noite e bailarinos da madrugada, ou qualquer um disposto a anotar seu nome

no caderninho. “Essa é a diferença deste sarau, nosso microfone é livre e tudo é muito interativo e imprevisível; então, não sabemos exatamente o que acontecerá, nem quanto tempo durará.”

A madrugada vinha chegando-se quando chegaram Loba e Kapeta. Assim, de supetão, e logo flagrando sua filha em um assanhamento com uma moça. Elas dançavam músicas árabes remixadas diante do DJ e sequer notaram a presença dos dois. Este é um bom exemplo de quando Loba se sente orgulhosa da filha. Ela compreende que a pequena Lótus tem graves questões sexuais a resolver, mas, quando a vê assim, toda malandra e faceira, sabe que tomou a decisão certa ao tornar o sarau seu rito de respostas. Foi Lótus mesma quem disse: “Esse sarau é feito de poesias, e as poesias são de carne, de tato, de som, de artes. Além do mais, há espaço para sagrar tudo: deus, a arte, o futebol. Mas não para sagrar o sexo. A gente criou esse espaço”. Bem vindo ao templo sagrado da literatura putinha.

Esse rito ocorre uma vez ao mês e a família é a anfitriã; são os três mestres de cerimônia. “Há poetas que preparam versos inéditos. Mas já temos vários poetas da casa, aqueles que o pessoal gosta de ver, que sempre trazem coisas novas, como o Pedro Tostes”, explica Loba esquivando-se de uns e enfiando as garras noutros, caminhando em direção ao piso superior, ao palco, seu covil favorito. Ela é animalesca com seus olhos negros saltados, carnívora das carnes baixas, cheia de carnes para todos os lados, pendendo do maiô, apertado e minúsculo. É também tempestuosa e doce, a mãe que dá conselhos e recebe carinhos, aquela que todos querem beijar, cumprimentar, fazer oferendas, tocar a careca reluzente e bendizer aos céus.

Beto Kapeta tem outras prioridades. Afinal, ele é o filósofo do sexo daquele inferno, o tarado libertino e pai



zeloso da libidinagem familiar, quem toma para si o encargo de levar adiante a herança devassa que pretendem deixar para o mundo. Baixinho e moreno, seus cabelos crespos formam dois chifres regulares, veste uma túnica vermelha cujas costuras com lantejoulas douradas detalham os pulsos e outras porções do tecido, cueca de couro com rebites de metal e uma meia-calça vermelha. Está no palco, ajusta os microfones e troca algumas palavras com a mulher e a filha, que se aproximam tomando seus lugares. O público vai se aglomerando, dez, 15, 25. Rapidamente, o espaço está lotado.

Trata-se de um Sarau Erótico, mas não é um espetáculo de sexo, tampouco uma enfadonha leitura de versos engavetados. Na verdade, o protagonista não é a literatura, tampouco o erotismo. É o teatro. Pai, mãe e filha estão completamente trajados com suas personagens, as almas de Kapeta, Loba e Lótus os vestem, os revestem os figurinos, ainda que pouco, pois a nudez é essencial. Ali, diante do público, são mais que atores, mais que uma peça esbravejada em nome de Baco, de Dionísio. São uma trincheira onírica da literatura como cópula, como engalfinhamento de letras, de dedos, canetas, pintos e bocetas, são o fronte dos orgasmos poéticos.

A música abaixa e Lótus adianta-se, pedindo que o público se sente para que todos possam enxergar. Aproveita a deixa e recomenda a todos os desavisados – ou seja, aqueles que acham que aquilo é uma balada com sarau, e não um sarau com balada – que desçam até os ambientes do andar de baixo, onde os DJs continuam discotecando ensandecidamente: “Aqui, não, aqui é um sarau. E já vou deixar claras as regras, na

EROTIZANDO POR AÍ

Não é apenas o Sarau Erótico de Loba, Kapeta e Lótus, no Nossacasa, que anda espalhando malandragem poética Brasil afora. O mais conhecido evento do gênero está no sul, em Porto Alegre, e acontece toda primeira segunda-feira do mês no Bar do Nito, a partir das 20h30. Lá, o microfone também é aberto, e quem organiza o bacanal das letras é Monique Guimarães e Nanni Rios. São elas que “coordenam as leituras e transformam o prazer solitário da literatura em celebração grupal”.

Também mensalmente, mas na quinta-feira, ocorre em São Paulo outro auê putinho, o Sarau Bordel Poesia, que já vai para a quinta edição. Quem “bota ordem no bordel” é Felipe Defall e Ricardo Kelmer. O evento caracteriza-se por trazer elementos do teatro de revista, abarcando também outras expressões artísticas “em um ambiente cabaretizado”. Não há qualquer restrição àqueles que desejam se apresentar, seja com números de literatura, música, dança, teatro, burlasco, humor etc.



verdade, uma única regra: aqui vocês podem se pegar, se chupar, se morder, sem problemas nem restrições. Mas, antes, é preciso perguntar ao outro: pode? Veja bem, essa é a regra, só beije, agarre, passe a mão em quem concordar com isso, seja hétero, homo ou inteligente”.

Este é um conceito interessante que Lótus, já no começo do espetáculo, conta como anedota. Mas é de se supor que a autoria de tamanha confabulação teórica venha das ideias do filósofo, seu encapetado pai. De qualquer forma, é Lótus quem prossegue: “Inteligente é o ser adaptável. Por exemplo, imagine que estou dançando na pista, e não há nenhum bofe maravilha, mas lá no cantinho há uma garota linda. Eu vou lá e pego a garota, ou ao menos tento. Mas, se a pista estiver cheia de garotinhas dançando com carinha de nojo – anote aí, menina com carinha de nojo não trepa bem, é sério, você pede pra ela chupar e ela fica toda cheia de dedos, porra, é pra ficar cheia de línguas nessas horas – enfim, mas lá no fundo tem um gatinho gostoso, vou lá e pego o gatinho, claro. Isso é ser inteligente”.

Naquela noite, quatro pessoas arrolaram-se para ler seus escritos diante da plateia. A mulher de vestido branco inaugurou o microfone. “É a primeira vez dela no Sarau e vai dar logo três”, brincou Lótus aproximando-se sensualmente da poeta, “e, me diz uma coisa: solteira, casada ou na pista?”. Os poros da perna à

FOTOS: BIRAO RAMIN



mostra ficam eriçados, talvez de vergonha, talvez não. Há ainda outros dois poetas, que testam seus primeiros versos diante de ouvintes cheios de boa vontade. Os mestres de cerimônia entrecortam as declamações promovendo debates. Naquela noite, o tema central era: 12 minutos são suficientes para um orgasmo? Também encenam números, contam causos e estimulam o público a contar. E funciona. Um rapaz, sentado bem diante do palco, levanta-se e revela como presenteou um desconhecido, “gatíssimo, é claro”, que estava sentado no banco de um ônibus intermunicipal com um boquete inesquecível para ambos. Ele se devolve ao seu lugar limpando, no canto da boca, a saliva, e relembrando outros líquidos que naquela viagem, pelas mesmas esquinas, escorreram.

Por fim, um prata da casa toma a palavra. É Pedro Tostes, gordinho de barba rala e fala carioca, jeans e camisa xadrez, leva uma bolsa grande ancorada no ombro. Dentro dela, vários exemplares de *Jardim minado*, seu terceiro e mais recente livro. É um poeta contemporâneo; afinal, toca a todo verzejador que se preze ser o mecenas de si mesmo, seja pelo imperativo do capitalismo, seja pela beleza do artesanato literário, do contato cara a cara com o leitor. Ele posiciona-se entre Loba e Lótus e, antes de encerrar a noite com seu *Hard Porn**, envia uma piscadela ao Kapeta, como se selando um velho pacto de confrades. ●

HARD PORN, DE PEDRO TOSTES

penetro
cada elemento possível
:
dedo, mão, coxas entre
laçadas, boca, língua,
cheiro
; você,
gulosa, sorve
e abduz em sua boca
o favo
do mel a te temperar
com uma alegria
infantil e uma
fúria
indecente enquanto se
posta de quatro e
pede “bate!”
; as ancas latifundiárias
se expandindo em minha
frente
enquanto me enfio
e domino todo colo
do teu útero e
cutuco o fundo
da sua carne
com minha vara
em riste
; as cinturas
seguindo o pancadão
, frenéticas
, enquanto ardem
no lombo e avermelham
as marcas da mão
- na cara, na cara!
; ela é cada palavra,
nome impróprio,
armageddon, despiste
de deus, próprio inferno
; arde
menos a pele
que a alma
se entregando
por qualquer desejo
, adoradora fálica
, famélica
; se revira
, ergue o torso sobre a cama
cavaleira que só
, nas pradarias
da sua própria pele umedecida
pela
cachoeira
de vertigens

; ninfa
, o calor dos seus
domínios saqueados
por hordas
, em chama os vales
, florestas
, você
, entregue ao próprio
fogo
; “o anel que tu me destes
tinha prega e se rasgou
. foi chorar o seu cuzinho
: a vaselina acabou”
; encaro
o
buraco
o
co
e fundo
do
teu cu aberto
lo
go
relembro
a lua, o
astro
nauta lento
fincando
o
mastro
no
solo
iluminado
; as britadeiras na rua
são mais lentas que meu
sadismo sodomita,
estocada,
estocada,
estocadas as energias,
epicentro do
teu gozo,
terremotam
o corpo que liquefaz-se
e, antes da morte
anunciada
, recebe no rosto o jorro
do chafariz em lava
e lava a cara suja
da porra
do amor.